

TAVARES, Gonçalo Manuel. **Cinco meninos, cinco ratos**.
Porto Alegre: Dublinense, 2019. 224 p.

Rodrigo Medeiros Campos*

Apesar de ainda não figurar entre os autores mais populares no Brasil, o português Gonçalo Manuel Tavares ganha cada vez mais reconhecimento e respeito na cena literária mundial, tendo sido publicado e premiado em dezenas de países. Seu primeiro livro, **O livro da dança**, foi publicado em 2001 e, desde então, Tavares vem construindo uma extensa e apreciada obra que já conta com mais de 35 títulos. Inseridas no romance português contemporâneo, as narrativas de Gonçalo Tavares não se ocupam necessariamente com marcações geográficas ou temporais, de modo que a fluidez do texto não se preocupa com a linearidade dos acontecimentos. A construção de enredos curtos e entrecortados causa estranhamento ao leitor em um primeiro momento, mas captura a sua atenção e o envolve a partir da construção de um cenário ora distópico, ora mitológico, ora onírico.

Seu processo criativo é marcado pela utilização de diferentes gêneros literários, como romances, canções, epopeias, enciclopédias, *bloom books*, poesias, roteiros teatrais, *short movies* e atlas, que tendem a ser distribuídos de forma seriada. Assim, Tavares “organiza” parte de suas publicações em séries, como **O Reino** (que nos conduz, em primeiro momento, a uma reflexão sobre as ações humanas – boas e cruéis –, suas motivações e consequências) e **O Bairro** (que nos remete a uma tentativa de releitura daquilo que é considerado como o “cânone” da literatura mundial). Seguindo essa lógica de produção literária,

* Mestre e doutorando em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela UFMG. Professor titular do Colégio Santa Maria Minas.

Gonçalo Tavares apresenta uma nova série, que recebeu o título de **Mitologias** e cujos dois primeiros títulos foram recentemente publicados no Brasil pela Editora Dublinense: **A mulher-sem-cabeça e o Homem-do-mau-olhado (2019)** e **Cinco meninos, cinco ratos (2019)**. Trataremos, portanto, deste último título.

Embora seja o segundo livro da série, **Cinco meninos, cinco ratos** pode ser lido de forma independente, sem a necessidade de recorrer ao título publicado anteriormente (**A mulher-sem-cabeça e o Homem-do-mau-olhado**). Apesar de o livro apresentar algumas características típicas de uma epopeia, uma vez que o enredo apresenta um deslocamento constante dos personagens, não nos atrevemos a classificá-lo como tal, visto que há um esvaziamento de sentido formal no que tange aos pontos de chegada e de partida, assim como ao objetivo da caminhada. No enredo, cinco meninos (cinco irmãos) estão perdidos em uma floresta e uma dessas crianças (a pequenina Anastácia) desgarrase do grupo e se perde duplamente (primeiro dos pais, em seguida, dos irmãos). Em uma jornada de encontros e desencontros, os meninos conhecem personagens como O Homem-com-a-boca-aberta, Páparis, Ber-lim, o Avestruz, o Homem-do-mau-olhado, o Caçador, a Avestruz, o Gigante e Moscovo.

O modo de narrar observado em **A-mulher-sem-cabeça e o Homen-do-mau-olhado** e **Cinco meninos, cinco ratos** remete à tradição oral, das contações de histórias, elemento que pode ter motivado Tavares a conceber o título **Mitologias** para esta série. A presença de arquétipos também contribui para tal especulação. É possível identificar em **Cinco meninos, cinco ratos** algumas releituras de situações históricas, como a Revolução Russa, encarnada pelo terrível e violento personagem Moscovo, e a divisão da Alemanha em dois blocos (capitalista e comunista;

ocidental e oriental), observada a partir do personagem Berlim. Percebe-se igualmente a presença de alegorias mais gerais, como a “Máquina da história” e a “Locomotiva do progresso”. Seguindo uma tendência que já o identifica na Literatura, Tavares utiliza referências históricas, políticas e sociais dentro de um simulacro constituído por recursos de linguagem e de narrativa que apontam para o *nonsense*.

Em alguns momentos, essa aparente falta de sentido surge revestida de viés político. Na festa de aniversário de 18 anos de Moscovo, por exemplo, este surge de olhos vendados a empunhar um revólver, devendo executar aleatoriamente alguns de seus convidados – a Revolução Russa também sacrificou uma massa considerável de inocentes. Tais execuções em massa, por sua vez, é um traço histórico recorrente das revoluções. A percepção de um estado de loucura se faz presente em toda a narrativa e muitos personagens flertam com a demência. A personagem Avestruz, completo delírio presente no livro, é, simultaneamente, veloz e voraz, assim como o é o avanço da loucura sobre os personagens, como uma sombra constante e onipresente ao longo dos caminhos percorridos pelos atores de **Cinco meninos, cinco ratos**. O Avestruz é rápido como o curso da História e a ideia de progresso. A velocidade e a onipotência da máquina já havia sido objeto da criação tavariana em **A máquina de Joseph Walser (2010)**, segundo romance da série **O Reino**, em que se pode observar a obsessão pelo progresso a qualquer custo, tendo como consequências um processo de humanização da máquina e de “maquinização” do homem.

Dois símbolos do progresso que estão muito presentes na narrativa assumem o *status* de personagens e causam deslumbramento e temor aos homens. A Locomotiva e a

Velocidade (grafados com iniciais maiúsculas, tal qual os demais personagens, recurso de linguagem que confere a eles uma condição de agentes conscientes) levam os homens à loucura, evidenciada pela incerteza do destino ao qual a Locomotiva conduz e pela vertigem provocada por uma Velocidade tal que escapa à compreensão humana, como ocorre com o próprio “progresso” da humanidade, tão incerto que cobra um alto preço daqueles que a abraçam: a própria sanidade. Após tomar a Locomotiva, símbolo maior da evolução da técnica e do gênio humano, o personagem Berlim passa a usar um mapa como chapéu e uma nova grafia para o seu nome: Ber-lim, assim, dividido, como o fora a sua própria cidade.

Como se a Locomotiva e a Velocidade não bastassem para corromper o juízo dos demais personagens, há ainda a figura do Avestruz, ave gigantesca e feroz capaz de perfurar crânios e devorar cérebros. É dessa forma que o Homem-com-a-boca-aberta é lobotomizado e se torna uma criatura destituída de raciocínio, visão crítica, capacidade cognitiva e, por fim, de sua própria humanidade. A lobotomia praticada pelo Avestruz quando este devora partes de cérebros pode ser entendida como último recurso para o combate à loucura, anulando vontades, pulsões, desejos e individualidades.

As imagens de violência extrema e de sadismo criadas por Tavares em **Cinco meninos, cinco ratos** não são gratuitas. O terror e a crueldade, provocados principalmente por Moscovo (ou seria Stálin?), apesar de aparentemente inverossímeis, constituem tênues representações simbólicas dos horrores produzidos ao longo da História da humanidade. O ritmo quase maníaco dessa narrativa de Gonçalo Manuel Tavares se soma à violência e à loucura para construir um universo no qual as

referências históricas, as alegorias e as idiossincrasias dos personagens servem ao propósito de formação de um plano onírico ao mesmo tempo perturbador e poético, cruel e teatral, distópico e mágico.

Recebido: 30/09/2020 // Aceito em 5/12/2020